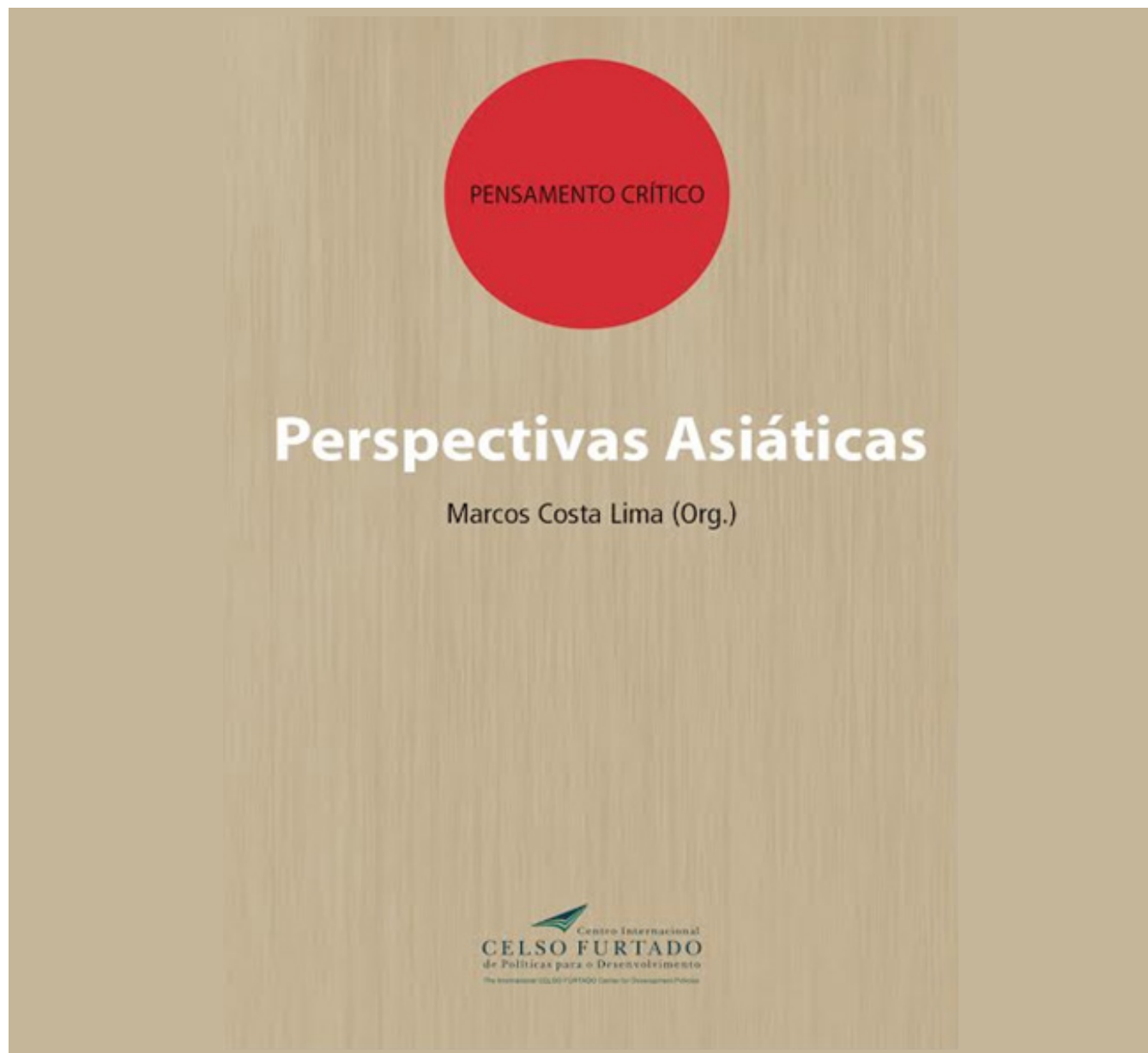


Opinião

Os tigres, o dragão e o sabiá

Por Rafael Cacau Botelho



É inegável que a colonização europeia deixou marcas profundas no Brasil. Desde o idioma, passando costumes, valores e religião, os vários povos do “velho mundo” são referências latentes para o brasileiro. O que, talvez, passe despercebido é como o nosso imaginário é igualmente importado pelas experiências dos colonizadores. A Ásia, ou o oriente, é ainda uma grande desconhecida. Coberto de exotismo e muita mística, o grande continente nos é mostrado tal qual o veneziano Marco Polo relata as Cidades Invisíveis (Italo Calvino, 1972) do império tártaro de Kublai

Khan.

No ambiente acadêmico, essa realidade não é tão divergente assim. A Ásia ainda é pouco explorada como objeto de estudos nas universidades brasileiras, mesmo se considerarmos os variados ramos do conhecimento científico. Para tentar mudar essa realidade, há pouco mais de um ano, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) deu um importante passo para aumentar sua projeção internacional, bem como a do conhecimento científico. A Universidade criou os Institutos de Estudos da América Latina (IAL); da África (IEÁ-

frica); e da Ásia (IEÁsia); que, sob a coordenação do Instituto Futuro (IF), visam, com pioneirismo, atuar como propulsores de pesquisa científica. Os primeiros resultados começam a surgir.

“Perspectivas Asiáticas” (Folio Digital, 2016) é o resultado de um esforço conjunto do Centro Internacional Celso Furtado com o Instituto de Estudos da Ásia, sob coordenação do professor do Departamento de Ciência Política da UFPE Marcos Costa Lima. “Perspectivas Asiáticas” procura apresentar as transformações socioeconômicas ocorridas na região, prospectar possibilidades de novas pesquisas e introduzir, no ambiente acadêmico nacional, os estudos de cientistas sociais sobre o continente.

Conhecer as transformações pelas quais a Ásia vem passando desde a Guerra Fria nos permite extrair lições importantes sobre desenvolvimento nacional, inovação tecnológica, Relações Internacionais, dentre outros. Compreender que é a Ásia – e não a Europa – o grande centro produtor econômico do planeta, por exemplo, oferece realidades inexploradas na pesquisa científica brasileira.

A partir do intenso contato mantido pelo IEÁsia com professores chineses e indianos e pesquisadores no Brasil e no México, “Perspectivas Asiáticas” procura aprofundar o conhecimento não apenas sobre a Ásia, mas também sobre a relação entre o Brasil e a Ásia, os BRICS e a China na América Latina, a partir de capítulos produzidos por pesquisadores latino-americanos, chineses, britânico e indiano.

A introdução de “Perspectivas Asiáticas” é apresentada pelo coordenador do projeto e do Instituto Ásia, o pesquisador Marcos Costa Lima, na qual analisa a conjuntura da ascensão da Ásia no cenário internacional por força própria, combinado com o declínio econômico dos Estados Unidos e Europa. Após essa apresentação, o livro é dividido em capítulos que podem ser agrupados por temas.

O tema China é abordado pelos capítulos dos pesquisadores associados do IEÁsia Renan Holanda (O realismo chinês de Yan Xuetong); e Alexandre Pereira da Silva (Aspectos jurídicos e políticos das disputas no Mar da China Meridional); e pelos pesquisadores chineses Li Guoping e Yun Hou (Urbanização na China: processo, problemas e perspectivas); Ymei Yin, Zhigao Liu, Michael Dunford e Weidong Liu (O Distrito de Arte 798: múltiplos fatores que influenciaram a sucessão do uso da terra e a reestruturação industrial em Beijing); e apresentam a política da China pelo ponto de vista dos próprios asiáticos.

O segundo tema é formado pela Política de Cooperação e Investimentos Externos Diretos da China na América Latina. Capítulos como do pesquisador britânico John Ross (Lições do Desenvol-

vimento econômico da China para a América Latina); e os capítulos de Francisco Dominguez (Após a atual crise, qual o futuro da relação estratégica entre a América Latina e a China?); Alexandre Cesar Cunha Leite e Lohana Gabriela Simões de Oliveira Ramos (Investimentos chineses na América do Sul: um desenho das preferências de destino e setores); e Adriana Erthal Abdenur (A China na América latina: investimento em infraestrutura portuária); analisam como uma potência em ascensão como a China trabalha sua influência na América Latina por meio de ações econômicas de benefício mútuo.

O último tema é economia internacional asiática. O economista indiano Amit Bhaduri aborda a relação Entre a desigualdade e o poder econômico. A economista mexicana Alicia Girón apresenta temas novos de uma economia sustentável (Investidores Institucionais, microfinanciamento e objetivos de desenvolvimento sustentável); os pesquisadores do Instituto Ásia, Marcos Costa Lima e Joyce Helena Ferreira da Silva lançam projeções sobre o Banco de desenvolvimento dos BRICS (Banco dos BRICS: Uma via alternativa às instituições de Bretton Woods?). Por fim, a economia internacional chinesa é abordada nos capítulos de Henrique Altemani de Oliveira (Livre Comércio, cooperação regional ou disputa por poder? Qual o papel da Parceria Transpacífico?); e Javier Vadell, Leonardo Ramos e Pedro Neves (As implicações internacionais do modelo chinês de desenvolvimento do Sul Global: Consenso Asiático como network power).

Assim, “Perspectivas Asiáticas” apresenta ao público brasileiro a Ásia nesta nova realidade internacional do séc. XXI, proporciona uma abordagem do continente por si mesma e como a pesquisa científica nacional no campo das ciências sociais observa o talvez não mais desconhecido e místico oriente. Marco Polo apresentou ao ocidente a Ásia pela primeira vez, através de uma narrativa na qual “quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido” (Calvino, 1972). A Ásia do imaginário colonizador precisa se restringir aos espaços da literatura e de outras artes. O Continente asiático pode e deve ser estudado para tirarmos lições dos estudos. E “Perspectivas Asiáticas” nos convida para esse desafio. ■